

A ESTIGMATIZAÇÃO DA PROFISSÃO DE AUXILIAR DE LIMPEZA¹

Maria Edivania Vieira da Silva²

Geórgia Maria Feitosa e Paiva³

Resumo

Este trabalho busca compreender sobre o processo de estigmatização da profissão de auxiliar de limpeza. Para isso, este artigo foi produzido a partir de uma revisão bibliográfica dos estudos de Angelin (2010), De Lurdes Rodrigues (2002), e Goffman (1963), entre outros. Com base nas leituras realizadas, verificou-se que o processo da profissionalização, ao passo que se especializa, segrega e desvaloriza algumas profissões, principalmente aquelas que envolvem trabalhar com a limpeza, por isso os auxiliares de limpeza, garis, faxineiros, que por sua vez, são invisibilidades. Deste modo, pode-se concluir que os auxiliares de limpeza são inferiorizados no âmbito profissional e social.

Palavras-chave: preconceito, profissão, auxiliares de limpeza, estigma.

Abstract

This work seeks to understand the process of stigmatization of the profession of cleaning aid. For this, this article was produced from a bibliographical review of the studies of Angelin (2010), De Lurdes Rodrigues (2002), and Goffman (1963), among others. Based on the readings made, it was verified that the professionalization process, while specializing, segregates and devalues some professions, especially those that involve working with cleaning, so the cleaning assistants, garbagemen, janitors, who for their are invisibilized. In this way, it can be concluded that the cleaning aids are inferiorized in the professional and social scope.

Keywords: prejudice, profession, cleaning aids, stigma.

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

² Estudante do quarto semestre do curso de bacharelado em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. E-mail: edivanoasomerhalder@gmail.com

³ Doutora em Linguística e professora Adjunto A do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

1. Introdução

Em *Estigma*, livro publicado em 1963 por Goffman, encontra-se um conceito que identifica o indivíduo estigmatizado como marcado, ou seja, a ele são associados símbolos que os segregam da sociedade, esses símbolos são marcas que levam a discriminação e o desprezo, exemplos: marcas nos pulsos revelam que o sujeito tentou suicídio, marca nos braços viciados em drogas e também há marcas do estigma que podem ser escondidos ou escancarados, como as fardas dos auxiliares de limpeza, dos empregados domésticos, dos garis.

Este artigo partiu do pressuposto de que os auxiliares de limpeza podem ser estigmatizados por sua profissão, tendo em vista que não se orgulham dessa profissão e que tendem a escondê-la, pois é através de seus uniformes e objetos de trabalho (vassoura, pá e etc.) que a eles são concedidas suas marcas, marcas de um trabalho invisível, mas necessário para a sociedade.

Muitas pessoas não podem esconder seus estigmas, como mencionou Fanon (1952) ao relatar sobre o preconceito contra a cor da pele, de raças. A esse respeito, pode-se citar que a maior parte dos profissionais que trabalham com serviços gerais, limpeza, entre outros, além de terem uma profissão estigmatizada também são negros e são mulheres.

“Tradicionalmente, as mulheres participam menos que os homens no mercado de trabalho, entre outros fatores devido a barreiras culturais que ainda persistem, e a uma divisão sexual do trabalho que lhes atribui as funções de cuidado e reprodução social na esfera doméstica, que não são consideradas trabalho, subtraindo assim tempo para a inserção no mercado de trabalho.” (GUIMARÃES, 2012, p. 61-62).

Dessa forma o gênero e a cor de pele ainda trazem impactos negativos na vida de muitas pessoas, infelizmente em algumas empresas é o que determina a ocupação e a contratação de alguns profissionais no mercado de trabalho. A maioria dos empregos de baixa visibilidade, como os auxiliares de limpeza são ocupados por mulheres e homens negros, pessoas que são discriminadas na sociedade.

“As mulheres aparecem no topo das taxas de desocupação quando comparadas aos segmentos masculinos, merecendo especial destaque as mulheres negras (10,2%), mais suscetíveis ao desemprego. Apenas a título de comparação, os homens brancos possuíam em 2014 taxa de desocupação de 4,5%, ilustrando a disparidade de gênero e raça que ainda atravessa as relações de trabalho.” (IPEA, 2016, p. 9-10).

Apesar de ser um objeto científico interessante tendo em vista que o país abriga muitos profissionais dessa ordem, o tema é pouco discutido na literatura, pois poucos autores falam sobre esses profissionais, e os que falam, pesquisam apenas sobre o perfil deles, não relatando aspectos das suas vidas, seus sofrimentos, suas representatividades.

“O trabalho de servente de limpeza caracteriza-se pela limpeza de vidros, janelas, fachadas, dentre outras atribuições, em instituições, empresas ou fábricas; integra as atividades de baixa qualificação do setor de serviços e, além disso, transporta uma herança histórica e social de desvalorização conferida a trabalhos manuais, como os serviços domésticos e de limpeza, resquícios de uma sociedade escravista colonial que atribuía às escravas a obrigação de realizar tais atividades.” (TATIELE, 2011, p. 16).

É sob esse prisma que este trabalho se faz relevante, contribuindo para os estudos sociológicos e ampliando o conhecimento sobre a estigmatização profissional e social, pois um dos aspectos desse trabalho é mostrar a realidade da vida dessas pessoas, revelar que elas têm uma vida fora do local de trabalho, que merecem ser respeitadas.

Dessa forma, buscou-se compreender sobre o processo de estigmatização da Profissão de Auxiliar e Serviços Gerais a partir de uma pesquisa bibliográfica. Esse trabalho partiu de uma pesquisa bibliográfica, pois foi através de documentos que foram analisados os processos das profissionalizações e como esse processo marginaliza algumas profissões e estigmatiza os profissionais de limpeza.

De acordo com Marconi (2002):

“A Pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: Filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas quer gravadas.”

Dessa forma, a principal característica dessa pesquisa é colocar o pesquisador direto com o objeto de estudo (documentos, monografias e etc.). A análise foi a segunda parte da pesquisa, pois foi através do material recolhido que o trabalho foi feito, os dados coletados foram de extrema importância para a conclusão desse trabalho.

Na análise, foi discutido sobre o processo de trabalho dos profissionais da limpeza, que foram percebidas com base nos mesmos, como esses profissionais são tratados no seu

local de trabalho, como suas presenças passam despercebidas aos olhos de muitos e que infelizmente são invisíveis perante a sociedade.

Deste modo, este artigo está dividido em duas partes, na primeira será abordado o processo de profissionalização, a partir da sociologia das profissões, e na segunda como é gerada a estigmatização das profissões, por meio dos estudos de Angelin (2010), Goffman (1963).

1. A SOCIOLOGIA DAS PROFISSÕES E AS PROFISSÕES MENOS PRESTIGIADAS

Alguns sociólogos buscando compreender o processo de profissionalização, resolveram criar uma área de estudos, que respondesse alguns questionamentos sobre as profissões, a qual deram o nome de sociologia das profissões, analisando o desenvolvimento e o seu contexto histórico, queriam entender porque algumas profissões tinham mais prestígios, e eram tão valorizadas, enquanto outras eram tão denegridas.

“(…) Sociologia das profissões apresenta-se como um manual de estudo de Sociologia das profissões a partir do qual se pode situar-se ou estabelecer um plano de observação e análise dos mais variados grupos ocupacionais, dos engenheiros aos psicólogos, dos arquitectos aos médicos, advogados, etc.” (DE LURDES RODRIGUES, 2002, p. 1).

O estudo das sociologias das profissões existe há muito tempo, mas apenas nos anos 80, filósofos considerados inovadores realmente se interessaram pelo tema, e resolveram estudar profundamente a respeito, os primeiros usaram teorias funcionalistas, tentando primeiramente definir o que é a profissão, quais características que a distinguia da ocupação, eles viam as profissões como algo superior a ocupação, para eles considerarem o trabalho dos indivíduos como profissão eles tinham que seguir alguns atributos.

Segundo Angelin (2010, p. 3) “[...] existe uma superposição de elementos definidores e formadores do profissional”: “[...] a existência de um corpo de conhecimento suficientemente abstrato e complexo para requerer um aprendizado formal prolongado; uma cultura profissional sustentada por associações profissionais; uma orientação para as necessidades da clientela e um código de ética.” (DINIZ, 2001, p. 20).

Assim a sociedade impõe ao indivíduo uma formação profissional, para que o mesmo seja valorizado e respeitado do âmbito social em que está inserido.

“Todos os atributos que caracterizam uma profissão são o desenvolvimento natural, de facto inevitável, da aplicação de uma técnica intelectual a assuntos da vida quotidiana. Por outras palavras, se, e quando, se desenvolver uma técnica intelectual sugestão de negócios, que só pode ser adquirida por formação intelectual especializada, nascerá a profissão de administração e gestão de empresas.” (SAUNDERS e WILSON, 1934, p. 479).

Dessa forma eles analisaram e distinguiram as profissões da ocupação pela formação intelectual, ou seja, pra ser considerado um profissional pela sociedade é preciso ter um diploma.

Angelin (2010, p. 2), Tonnies e Durkheim deram grande importância às atividades profissionais, bem como às associações dos trabalhadores, buscando, através de suas análises estabelecer uma relação entre homens, o trabalho e a comunidade. Dessa forma tentaram entender como se dá essa interação, observando que existem profissões mais valorizadas que outras: “[...] o que vemos desde já é a atribuição de superioridade à profissão que está alicerçada pelos critérios meritocráticos e de livre escolha de ocupação e a rejeição dos ofícios.”

De acordo com De Lurdes Rodrigues (2002) a abordagem funcionalista assentaria em três pressupostos definidores do conceito de profissão: primeiro o estatuto profissional é resultado do saber científico, segundo reconhecimento social, terceiro e último as instituições profissionais. Todas essas abordagens de acordo com os funcionalistas são de extrema importância pra se distinguir as profissões das ocupações.

As relações de poder no âmbito profissional se dão pelas qualificações, quanto mais qualificado for o indivíduo, mais competência terá para realizar determinados tipos de trabalho e terá mais vantagens diante de seus concorrentes já que há uma hierarquização envolvida, há uma certa organização envolvida relacionada ao trabalho em que os membros que tem autoridade está no topo e tem um certo controle com os demais profissionais.

Embora seja importante, nem sempre qualificação é o bastante para os indivíduos ocuparem determinados cargos de prestígio, hoje o valor da troca é de extrema importância para se conseguir um cargo de emprego em determinados lugares, apesar de muitos serem capacitados profissionalmente, não conseguem ter sucesso para conseguir um posto de trabalho com prestígio, pois elementos como raça, gênero e indicação também possuem papéis importantes na decisão do gestor. Tais constatações levam a crer que o esforço e a inteligência não são o bastante para se ocupar um lugar de prestígio na sociedade, e que o trabalho é também uma forma de segregação social.

Até os dias de hoje, a profissão é bastante valorizada na sociedade, o trabalho não é só uma forma de se ganhar sustento, nem sair da pobreza, da miséria, mas também é através dele que os indivíduos são encaixados nos grupos e hierarquizados, qual pertencem a duas categorias, os valorizados e os desvalorizados, o primeiro grupo são encaixados profissionais como médicos, advogados, políticos, empresários e etc. O segundo grupo é composto por profissionais de pouco prestígio, que são invisíveis perante a sociedade, tais como os auxiliares de limpeza, agricultores, vendedores ambulantes e etc. Apesar de existir profissionais invisíveis por conta de suas profissões, os desempregados estão bem abaixo deles.

Segundo Rodrigueas (2012, p. 9) apud Schmitz (2014, p. 12), distingue-se uma profissão pela formação, o conhecimento científico e prático; autonomia sobre o tipo e a forma de realização do trabalho; autorregulação e controle do acesso ao mercado de trabalho e ainda, pela realização da atividade para a resolução de problemas. Profissão, no sentido geral ocorre na distinção entre profissional e amador. Nesta comparação, o amador faz tarefas sem uma preocupação racional, entende superficialmente de alguma coisa e da regra, enfim, um autodidata, leigo. Enquanto o profissional se apresenta como um trabalhador genuíno em atividade regular com um valor de troca no mercado e que exerce uma profissão ou ocupação como meio de vida ou pelo ganho. Mesmo exercendo um trabalho que lhe traz lucro, muitos indivíduos não são reconhecidos como profissionais, pois não se especializou pra exercer tal função. Desde cedo os indivíduos aprendem a importância de uma profissão, por isso desde crianças são inseridos nas escolas, aprendem as regras impostas pela sociedade e a importância que determinadas profissões tem no meio social (medico, engenheiro, advogado), e aprendem que as pessoas que não tem estudo não conseguem ter bons empregos.

No livro *Estigma* de Goffman (1963, p. 18), o autor usa várias entrevistas de pessoas estigmatizadas na sociedade, uma das entrevistas é de um pedreiro de 43 anos que fala:

“Como é duro e humilhante carregar a fama de um homem desempregado! Quando saio, baixo os olhos porque me sinto totalmente inferior. Quando ando na rua, parece-me que não posso ser comparado a um cidadão comum, que todo mundo está me apontando. Instintivamente evito encontrar qualquer pessoa. Conhecidos e amigos antigos de melhores épocas não são mais tão cordiais. Quando nos encontramos, eles me saúdam com indiferença. Não me oferecem mais cigarros e seus olhos parecem dizer Você não tem valor, você não trabalha.”

Dessa forma, vários autores viram a necessidade de estudar sobre as profissões, pois a profissão é super valorizada no meio social, de acordo com Diniz (2001, p. 24), “o termo profissão foi usado para distinguir as ocupações com projetos bem sucedidos”. A separações de cargos profissionais em certos locais de trabalho acabam separando os indivíduos em

grupos, às vezes gerando um grande distanciamento de ambas as partes, pois sempre há uma hierarquia envolvida na mesma.

Segundo Angelin (2010, p. 3), “O interesse principal dos funcionalistas ao estudarem as profissões consiste em demonstrar o valor social das profissões a partir da análise das funções que as profissões tinham para com todo o sistema social.” Os indivíduos, desde cedo, aprendem que para serem reconhecidos na sociedade, precisam se profissionalizar em alguma área, pois as pessoas que não possuem uma profissão são inferiorizados e estigmatizados.

Muitos profissionais, apesar de se esforçarem muito, não são valorizados, pois a sociedade estigmatizou algumas profissões como inferiores que são aquelas que não possuem status sociais.

Existem várias profissões desvalorizadas que, aos olhos de muitos, a imagem que elas produz perante a sociedade demonstra “fracasso”, pois essas profissões foram construídas como marginalizadas, por pessoas que não têm prestígio, subalternas, que são julgadas a todo instante pelo meio social que estão inseridas, pelo simples fato de ocuparem essas profissões, que as rebaixam e as humilham. De acordo com Ferreira (2014, p. 157) apud Saunders (1981), as seguintes características marcam os trabalhos estigmatizados: baixo status, baixos salários, ausência de projeção de carreira, pouca escolaridade, carência de representação coletiva, indignidade e vergonha. Dessa forma, muitos constroem uma identidade negativa a respeito de si, de seu trabalho e passam a ter vergonha de suas profissões.

Ao longo dos anos, vários estereótipos foram criados para desmerecer e desvalorizar vários trabalhadores, os vendedores ambulantes são vistos por algumas pessoas como vagabundos, preguiçosos, que não têm coragem de trabalhar, o trabalho deles, muitas vezes não é considerado como profissão. Os auxiliares de limpeza são vistos como sujos, pois trabalham com lixo, que infelizmente de certa forma para muitos faz parte da sua labuta diária.

Os profissionais da limpeza sofrem preconceito, ocupam um lugar de pouco prestígio na sociedade, são desprezados, suas identidades profissionais foram construídas negativamente, a imagem que fazem deles traz repugnância e nojo para alguns indivíduos da sociedade, que muitas vezes ignoram sua existência.

A invisibilidade social e profissional estão associadas as profissões de baixo status, que muitos negam a existência desses profissionais, os auxiliares de limpeza infelizmente não são visto, são invisíveis perante aos olhos de muitos. De acordo com Da Silva Araújo e da Silva (2018, P.2), “o conceito de invisibilidade social tem sido aplicado a seres humanos que estão à margem da sociedade, socialmente invisíveis seja pelo preconceito, pela

indiferença, classe econômica, nível de escolaridade.” Essa invisibilidade é associada aos indivíduos que escolhem profissões que são construída como marginalizada na sociedade.

A invisibilidade pública ou social é um tema relativamente novo, que segundo Costa (2008) “é uma espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros homens” (p.10). Numa sociedade capitalista, marcada por preconceitos e desigualdade social, é evidente a valorização dos sujeitos de classe econômica alta, que ocupa cargos respeitados e admiráveis, sobretudo aqueles que exercem profissões intelectuais, em detrimento do sujeito menos favorecido economicamente, que se dedica às atividades braçais e por isso desvalorizadas, sendo então desrespeitado, humilhado e conseqüentemente despercebido. (Apud, DA SILVA ARAÚJO e DA SILVA 2018, P.4).

Dessa forma muitos profissionais da limpeza não são percebidos, são invisíveis perante ao olhar do outro, não são valorizados no âmbito profissional e social do quem estão inseridos.

2. DO PRECONCEITO A ESTIGMATIZAÇÃO PROFISSIONAL

Quando se fala em preconceito, remete-se de imediato a imagem que muitos têm de pessoas que são excluídas da sociedade, e por isso são pessoas que sofreram algum tipo de violência física ou psicológica, que são usadas para estratificar as pessoas dentro da sociedade, em uma divisão baseada na diferença, especialmente na evidenciação da diferença por meio de humilhação.

Desde o início da civilização os indivíduos são estereotipados, segundo o autor Martiniano J. Silva (1936), no livro *Racismo à Brasileira*, as mulheres são as que mais sofrem, Paulina Chiziane (1994) compartilha da mesma opinião que o autor, quando fala na sua obra *Eu Mulher*, cuja imagem da mulher desde o princípio dos tempos até os dias de hoje vem sendo mascarada e oprimida, em algumas religiões qualquer desgraça que venha a cair sobre a comunidade, as mulheres levam a culpa e são castigadas, pois esses princípios religiosos acreditam que é pelo ventre da mulher que vem a gerar o mal, ou seja, prostitutas, assassinos e pessoas de mal caráter e que o sangue podre da menstruação e que atrai o mal, trazendo catástrofes para a comunidade, sendo assim, em algumas tribos ainda é propaganda que a mulher deve ser castigada quando o mal assolar com epidemias e catástrofes o local onde vivem.

Segundo Chiziane (1994) os Tsonga, povo africano que constitui a etnia majoritária no sul de Moçambique, quando nasce uma mulher significa mais mão de obra para carregar

água e quando ela crescer é mais dinheiro para a família que será cobrado no chamado *lobolo*, cerimônia tradicional em que a família do noivo oferece um dote à família da noiva, celebrando assim a sua união. Nesta etnia, a mulher não pode sonhar em ter uma carreira profissional, pois seu futuro já é traçado desde a infância, seu destino é ser uma mulher submissa e dona de casa, as mulheres eram vistas de duas formas: as de boa qualidade são as submissas e as rebeldes eram repudiadas. Dessa forma, as mulheres são vistas na sociedade como reprodutora dos filhos e dona de casa, esses são os estereótipos criados para inferiorizá-las e algumas etnias e culturas vêm propagando-o ao longo dos anos.

Existem vários tipos de preconceito: o preconceito racial, o preconceito social e o preconceito linguístico, os que sofrem o preconceito racial são as pessoas de cor de pele escura e os negros, por exemplo. Fanon (1952) fala em uma de suas obras *máscaras negras peles brancas*, que o negro muitas vezes na sociedade tem que usar uma máscara branca para ultrapassar os obstáculos que a sociedade os impõe, pois infelizmente o negro é um dos mais inferiorizados. Segundo Azevedo (1997, p. 23), o preconceito contra o negro é

“(...) a mais antiga referência a discriminação racial data de aproximadamente 2000 a.C. e consta de um marco erigido acima da segunda catarata do Nilo, proibindo qualquer negro de atravessar além daquele limite, salvo se com o propósito de comércio ou de compras. Fica óbvio que a discriminação era fundamentalmente de ordem econômica-política, usando a raça como referencial.”

Não menos importante, existe o Preconceito social (classes), sendo que quem sofre esse tipo de preconceito são os menos favorecidos, pessoas pobres, infelizmente a desigualdade maltrata muitas pessoas, o pior é a humilhação que estas pessoas acabam sofrendo, se obrigando a trabalhar em serviços que não os valorizam.

O Preconceito linguístico, por sua vez, é um preconceito relacionado a maneira de se falar, muitas pessoas acham que são possuidoras de uma linguagem perfeita, que falam perfeitamente sem erros gramaticais, assim foram ensinadas a pensar, nas escolas, no meio social, isso quer dizer que muitas pessoas são inferiorizadas, pois não puderam aprender essa língua padrão, português “perfeito”, mas essas pessoas se enganam ao pensar que existe uma linguagem predominante. Segundo Marcos Bagno (2003), não existe uma forma correta ou errada dos usos da língua, não existe uma linguagem Universal, o preconceito linguístico acontece quando as pessoas passam a acreditar nisso, e dessa forma vem colaborando para a exclusão social.

Todos os tipos de preconceitos apresentados constituem uma violação a vida do outro, não importa qual tipo as pessoas mais sofrem, pois qualquer um que seja é responsável por causar o sofrimento humano, pois muitos são atacados todos os dias, se não é por palavras maldosas são por olhares julgadores, ou até mesmo, atos de violência física.

Diante disso, pode-se compreender que os preconceitos são criados no intuito de inferiorizar um determinado grupo, uma determinada pessoa, dessa forma evidenciar o poder que aquele outro tem perante os demais, evidenciando a dor que pode causar no outro, essas pessoas se sentem grandiosas ao verem o quanto afetam o outro, o quanto pode causar dor.

Os Preconceitos são propagados em discursos intolerantes, que são discursos que desrespeitam e desvalorizam o outro, muitos usam esses discursos para humilhar e perpetuar a violência sobre um determinado local ou pessoas, esses discursos compartilhados pode gerar conflitos e até se transformar em violência física. Esses discursos podem acontecer em casa, nos jornais, na mídia, shows de *stand up*, neste último ocorre que vários humoristas usam a imagem de pessoas estereotipadas para fazer graça. A propagação ideológica se dá por meio de espaços públicos e privados, além dos meios de comunicação de massa, que podem acomodar o preconceito numa linguagem mais mascarada ou atuar de forma ostensiva, como o caso de um jornal estrangeiro

Além dos tipos de preconceitos supracitados e dos possíveis efeitos de sua propagação, é preciso evidenciar que algumas profissões também são alvo de preconceito, notavelmente, são profissões, que são consideradas inferiores, marcadas pela atividade de profissionais que vivem uma rotina exaustiva, muitas vezes em condições insalubridade, ou que pelo tipo de atividade exercida exista um preconceito ou antipatia associada, muitas vezes pelos aspectos culturais da sociedade em que vivem.

Geralmente esses sujeitos esforçam-se muito, mas não recebem o valor que merecem, estando sujeitos a discriminação, ao desprezo. Entre eles, pode-se mencionar os profissionais do sexo, os profissionais de limpeza e reciclagem, os profissionais do campo e os empregados domésticos. Os garis desde sempre são inferiorizados, limpar a rua para muitos é humilhação, é um trabalho inferior, que é feito por pessoas de baixa categoria.

“Na noite de réveillon de 31 de dezembro de 2009, os varredores José Domingos de Melo e Francisco Gabriel de Lima apareceram em uma vinheta desejando feliz natal, mas uma falha técnica levou ao ar o áudio de Boris Casoy: ‘Que merda, dois lixeiros desejando felicidades do alto de suas vassouras. O mais baixo na escala do trabalho’”. (PACHECO, 2017, s/p).

Além deles, pode-se citar os agricultores, pois há muitas famílias que vivem da agricultura, do plantio, sobrevivem do trabalho exaustivo e suado, são profissionais humildes, que muitas vezes vendem um pouco do que colhem, para investir em sua família, e em grãos para plantar e colher novamente, se não fossem pelos agricultores não haveriam alimentos na mesa de muita gente, infelizmente esses profissionais não são valorizados, suas mãos cheias de calos e ásperas, mostram o quão pesado e exaustivo esse trabalho é, seja com sol ou chuva, todos os dias estão com suas enxadas no ombro e a certeza que aquela plantação vingará, sem terem certeza pois muitas vezes a falta de chuva os fazem perder todo o trabalho, mas não a esperança.

Muitas famílias de classe sociais mais abastadas possuem empregadas domésticas, que, muitas vezes, não recebem seus direitos como determina a lei, apesar disso, muitas dessas profissionais se veem obrigadas a trabalhar, pois necessitam do dinheiro que ganham pra sustentar seus filhos, muitas delas abdicam dos seus direitos por vergonha de ter em sua carteira de trabalho assinada como doméstica, vergonha compartilhada pela sociedade que julga, e que faz o próprio sujeito se julgar.

O preconceito faz com que as pessoas vivam prisioneiras da opinião do outro, em uma sociedade que vive de aparências, pessoas vão se perdendo, vivendo para satisfazer a vontade do outro, excluindo as pessoas que não se encaixam no padrão ideal, acabam vivendo uma vida insatisfatória, e provocando o mal estar nos seus iguais.

A Sociedade há muito tempo impõe os indivíduos a viverem segundo suas condições financeiras, separando-os e os rotulando, infelizmente as classes sociais contribuem para a criação de alguns estereótipos, pois as separações de classes faz com que os indivíduos se distanciem cada vez mais um do outros, as pessoas que tem poucas condições financeiras vivem totalmente diferentes dos que tem, pois são inferiorizados e não tem as mesmas oportunidades. Os preconceitos racial, social e linguístico acabam facilitando para a construção do estigma profissional, pois a maioria dos profissionais que trabalham em profissões estigmatizadas são pessoas inferiorizadas na sociedade, pessoas que tem poucas condições financeiras, pouco estudo e poucas oportunidades.

A Falta de políticas públicas de respeito acaba contribuindo para o crescimento das discriminações, e gerando nos profissionais sem status, insatisfação, apesar da importância de suas profissões são invisíveis aos olhos de muitos, distorcendo e transformando seus trabalhos em apenas uma atividade sem importância, a sociedade se diz democrática, mesmo inferiorizando e discriminando milhares de pessoas.

Segundo Ferreira (2014), “estigmatizado tem um atributo/defeito diferente dos outros e menos desejável”. É uma pessoa indigna e diminuída, que cai em descrédito, devido aos seus traços considerados depreciativos. Aquele que possui um estigma não é totalmente humano, é uma “não pessoa” e não existe por completo. Está sujeito a uma série de discriminações que reduzem sua chance de vida, colocando-o numa situação de inferioridade.

Há muito tempo, os sujeitos vivem hierarquizados, rotulados, muitos ainda vivem em total estado de solidão, ou seja, são estigmatizados na sociedade, o conceito estigma foi trabalhado na obra de Erving Goffman (1963).

O autor fala que “estigma social pode ser definido por uma marca ou um sinal que designaria ao seu portador um status “deteriorado” e, portanto, menos valorizado que as pessoas “normais”, chegando ao ponto de incapacitá-lo para uma plena aceitação social”. Assim as pessoas que não eram consideradas normais eram inferiorizadas e viviam em estado de solidão, muitas se sentiam menosprezadas e acabavam aderindo um estado de total tristeza e acabavam não se aceitando com eram e tentavam a todo custo mudar aqueles defeitos que tanto as incomodavam, muitas garotas sofrem distúrbios alimentares, pois a busca pelo corpo perfeito se tornou uma guerra para ambas, muitas ao olharem no espelho viam uma imagem totalmente distorcida de si e acabavam odiando seu reflexo, acabavam odiando a si mesmas, muitas pessoas são estigmatizadas na sociedade, os deficientes físicos são vistos como incapazes, os negros como inferiores, os gays e as lésbicas como abominações. O estigma pode gerar:

“[...] consequências sociais e pessoais no âmbito afetivo, cognitivo e comportamental (DOVIDIO et al. 2003). Dentre elas, perda de status (LINK e PHELAN, 2001), redução da auto-estima (CORRIGAN, 2004), expectativas de rejeição prejudiciais a interações sociais e isolamento (LINK, 1987), redução na probabilidade de busca de ajuda (BARNEY, GRIFFITHS, JORM, e CHRISTENSEN, 2006), além de aumento da vulnerabilidade a determinadas condições saúde de preocupação pública.” (LINK e PHELAN, 2006).

Muitas pessoas que são estigmatizadas vivem tentando provar para a sociedade que suas imperfeições não as comprometem profissionalmente, tentam provar que são dignas de uma vida feliz. O estigma é muito mais forte que o preconceito, pois tem o poder de marcar as pessoas pelos restos de suas vidas, atribuindo a elas atributos depreciativo, que acabam as excluído do convívio social, o estigma faz com que as pessoas vivam uma vida solitária, os ex-presidiários, por exemplo, são marcados pelo resto de suas vidas, mesmo tendo pago os

seus crimes, as pessoas não terão confiança neles, desconfiarão a todo instante de sua índole, arranjar emprego será uma das coisas mais difíceis.

As prostitutas desde sempre são estigmatizadas, antigamente uma mulher “respeitável” nunca poderia ser vista na companhia de uma mulher que vendia seu corpo, pois aos olhos da sociedade elas as desonraria, elas não podiam conviver tranquilamente com as outras pessoas, pois não tinham princípios morais, onde passavam eram julgadas, eram maltratadas, “roubadoras de maridos alheios”, elas eram culpadas por seduzir os homens, de “tirá-los dos caminhos de Deus”.

Goffman (1963), de forma alguma, tenta camuflar em sua obra *Estigma* as dores que muitas pessoas vêm sofrendo. Muitas profissões são estigmatizadas, principalmente aquelas relacionadas ao lixo, entre essas profissões, pode-se citar: gari, faxineiro, empregadas domésticas, auxiliar de limpeza, esses profissionais são tão inferiorizados que os salários ou a ausência deles são a prova dessa desvalorização, enquanto jogadores estão ganhando milhões em propagandas com suas imagens, esses profissionais todos os dias estão madrugando para conseguir pegar a condução para não chegarem atrasados em seus trabalhos.

De acordo com Sanches (2009, p. 883),

“As trabalhadoras domésticas cumprem extensas jornadas de trabalho, para além de qualquer regulamentação, quando esta existe. As mais longas são, com frequência, as das trabalhadoras que dormem no local de trabalho. No outro extremo, as diaristas trabalham intensamente no seu dia de serviço, mas apenas uma fração consegue ocupar-se durante todos os dias das semanas do mês, o que resulta em remuneração ainda mais insuficiente.”

Essas mulheres são obrigadas a trabalhar exaustivamente, pois essa é a única forma que encontraram para se sustentar, muitas não são bem remuneradas pelo seu trabalho. Infelizmente os auxiliares de limpeza são bastante inferiorizados, pois limpar o chão é considerado desonra para muitos, é trabalho de servo, de pessoas que nasceram para servir e limpar as sujeiras dos outros, pessoas que são consideradas insignificantes, que aos olhos de muitos não são profissionais, pois não são dignos de estar no mesmo local que eles, a menos que seja pra limpar, de joelhos, cabisbaixo, invisíveis.

Os auxiliares de limpeza são profissionais que trabalham todos os dias, às vezes dois turnos no seu ambiente de trabalho, que pode ser em uma escola, faculdade, empresa e etc. São profissionais que muitas vezes ocupam um lugar desvalorizado dentro do local de

trabalho, são invisíveis, muitos passam por eles, poucos os veem, são discriminados quando não fazem o trabalho direito e quando o fazem também não são elogiados.

Muitos profissionais que trabalham na limpeza são ignorados, dessa forma têm seus direitos violados, pois ignorar um funcionário é crime, visto como assédio moral.

“Todos aqueles atos e comportamentos provindos do patrão, gerente, superior hierárquico ou dos colegas, que traduzem uma atitude de contínua e ostensiva perseguição que possa acarretar danos relevantes às condições físicas, psíquicas e morais da vítima.” (GUEDES, 2003, p. 33).

Esses profissionais, que são inferiorizados, podem desenvolver problemas psicológicos, muitas pessoas têm suas autoestimas destruídas por esse tipo de preconceito e inferiorização, se tornando prisioneiros em seu próprio ambiente de trabalho.

Considerações Finais

A realização deste trabalho foi uma experiência bastante satisfatória e enriquecedora, pela qual buscou-se compreender o processo de inferiorização no âmbito profissional, como algumas profissões são desvalorizadas na sociedade. A estigmatização da profissão de Auxiliar de Limpeza é um tema pouco discutido na sociedade, fato que corrobora a invisibilidade de certas profissões consideradas como inferiores na nossa sociedade.

Com relação às dificuldades para o desenvolvimento do trabalho pode-se citar a falta de material que falasse sobre o tema, por isso optou-se por uma pesquisa bibliográfica, pois como é um assunto pouco discutido, não há trabalhos nessa área, o que faz desta pesquisa conter ineditismo.

A profissão de auxiliar de limpeza é de extrema importância na sociedade, pois é através dela que os indivíduos conseguem fazer uso de espaços públicos limpos e higienizados, no entanto, nem todas as profissões são valorizadas. Como foi abordado neste trabalho, os auxiliares de limpeza não têm prestígio algum, ao contrário sofrem o peso da marca do estigma pela profissão que escolheram, são invisíveis, como se não existissem no âmbito profissional ou social, tornando-se visíveis quando seu trabalho não foi feito com destreza.

Em função da indisponibilidade de material que fale sobre a estigmatização da profissão de Auxiliar de Limpeza, acredita-se que este artigo certamente contribuirá para a realização de futuras pesquisas, que busquem compreender sobre a estigmatização das profissões, em especial a deste tipo de profissional. Entende-se que investigações como esta

também podem levar a reflexão sobre como melhorar programas de integração e a realização de políticas públicas que prezem pela saúde mental desses profissionais, e quem sabe ressignificar o estigma.

Referências

ANGELIN, Paulo Eduardo. Profissionalismo e profissão: teorias sociológicas e o processo de profissionalização no Brasil. *REDD—Revista Espaço de Diálogo e Desconexão*, v. 3, n. 1, 2010.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

DA SILVA ARAÚJO, Taiza, and Edla Raiane Rodrigues da Silva. "o significado do trabalho para os garis: um estudo sobre a invisibilidade social." (2018).

DE LURDES RODRIGUES, Maria. FREIRE, João. **Sociologia das profissões**. ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, 2ª ed. Oeiras: Celta Editora. 2002.

FERREIRA, Laura Senna. Trabalho, estigmas e trapaças: a profissão do mecânico automotivo. *Revista Cronos*. UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. v. 15, n. 2, 2014.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da Identidade deteriorada**. 4ª ed. Trad. Mathias Lambert. 1963.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa in: Fundamentos de Metodologia Científica**, 5ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

MARTINIANO J. SILVA. **Racismo à brasileira, raízes históricas: um novo nível de reflexão sobre a história social do Brasil**. Revista ampliada e atualizada. 4ª ed. Anita Garibaldi, 1995.

PACHECO, Paulo. Boris Casoy paga R\$ 60 mil a gari ofendido em telejornal. UOL, 2017. Disponível em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2017/09/19/boris-casoy-paga-r-60-mil-a-gari-ofendido-em-telejornal.htm>> Acesso em: 17 mai. 2018.

SANCHES, Solange. Trabalho doméstico: desafios para o trabalho decente. *Estudos feministas*, v. 17, n. 3, p. 879, 2009.

SCHMITZ, Aldo Antonio. Max Weber e a corrente neweberiana na sociologia das profissões. *Em Tese*, Florianópolis, v. 11, n. 1, jan./jun., 2014.